

Entrevista

O jornalismo investigativo e a rede

Ganhador de um Prêmio Pulitzer, em 1993, por uma série de reportagens sobre os efeitos devastadores do furacão Andrew nos Estados Unidos, Steve Doig é professor da Walter Cronkite School of Journalism and Mass Communication, da Arizona State University, onde leciona disciplinas ligadas ao jornalismo investigativo e Reportagem Auxiliada por Computador (RAC). Doig é um dos fundadores do IRE (Investigative Reporters and Editors), organização que oferece informações a repórteres, editores e outros interessados no assunto.

Como o senhor define jornalismo investigativo? Quais são suas características?

Steve Doig: Eu definiria jornalismo investigativo como reportar, aquele que vai além de uma simples reação a eventos, aprofunda-se para descobrir porque eles aconteceram. Fazer uma boa reportagem investigativa demanda tempo, é dispendioso e, às vezes, perigoso. No entanto, pode revelar problemas à população e freqüentemente provoca mudanças para melhor.

Em sua opinião, qual é a importância da internet no processo de coletar informação e investigar um determinado assunto?

A internet tornou-se uma importante ferramenta para jornalistas investigativos. As habilidades das ferramentas de busca, como o Google, que instantaneamente coletam informações de uma profusão enorme de fontes, são incrivelmente úteis para repórteres interessados em investigar. Mas, é importante lembrar que há muitas informações que não se encontram na rede e outras que não podem ser encontradas por ferramenta de busca. Por isso, os repórteres precisam usar as habilidades consagradas pela profissão: ler e interpretar documentos e entrevistar fontes potenciais a fim de fazer uma investigação completa.

Baldessar é professora do Depto. de Jornalismo da UFSC e doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP.

Arisi é jornalista e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC.

Bancos de dados associados e serviços da rede podem criar fantásticos produtos, como o item “Clinton’s voice” do Washington Post¹. Como você classificaria isto? Jornalismo investigativo ou uma linguagem completamente nova em jornalismo?

Produtos feitos a partir de dados disponíveis na rede podem ser usados por todo tipo de jornalismo, inclusive o investigativo. Alguns usos são explicativos ou úteis para leitores, como um serviço que permite às pessoas ver os crimes registrados nas suas vizinhanças² ou comparar as notas dos exames escolares de seus filhos. Outros permitem que toda a informação coletada durante uma investigação seja compartilhada com outros leitores. Por exemplo, o Philadelphia Inquirer provou que a polícia da cidade estava diminuindo os índices de crimes registrados para que a cidade parecesse mais segura nas estatísticas anuais de criminalidade. Com todos aqueles registros de crime disponíveis em um banco de dados on line, os leitores do Inquirer conseguiram acompanhar o que ocorreria com crimes reportados por eles e alertar repórteres para novos problemas.

O senhor afirma que Reportagens Auxiliadas por Computador deveriam ir além de números, deveriam focar nas pessoas. Como é possível ir além de números?

Uma boa história precisa ir além dos números. Deve contar aos leitores sobre pessoas reais afetadas por aqueles números. Um bom trabalho RAC facilita encontrar essas pessoas. Há alguns anos atrás, por exemplo, o Miami Herald estudou o sistema de justiça criminal da Flórida. Entre as muitas matérias daquela série, havia uma lista do que tinha ocorrido em cada um dos mais de 200 casos criminais que haviam sido julgados em determinado dia. Nós identificamos cada pessoa presa, descrevemos seus crimes e escrevemos qual sentença (se alguma)

fora dada a cada uma delas. Nós pegamos aquele dia em particular porque um dos suspeitos, foi solto e teve seu caso arquivado. Alguns dias mais tarde, assassinou uma policial de Miami.

O pesquisador Silvio Waisbord acredita que democracia precisa de jornalismo investigativo. Que comentário o senhor faria a respeito?

Eu concordo com Waisbord. Repórteres investigativos são os cães de guarda da democracia. É nosso trabalho começar a latir alto sempre que achamos que o nosso governo ou sociedade está fazendo algo errado.

Você acha que é possível importar modelos jornalísticos investigativos de países como Estados Unidos, onde a sociedade é extremamente computadorizada, para outros como o Brasil, onde a maioria da população vive à margem da democracia e da rede?

Sim, acredito que reportagens investigativas podem e devem crescer e espalhar-se em outros lugares. É verdade que o Brasil não é computadorizado como os Estados Unidos, mas os computadores não são a única maneira de conduzir ou publicar um trabalho investigativo. Este tipo de reportagem é realizado nos Estados Unidos por muitas décadas, muito antes do aparecimento dos computadores. Reportagens investigativas feitas com baixas tecnologias podem ser muito poderosas, desde que seus resultados possam chegar às pessoas via jornais ou televisão.

Qual é a relação entre jornalismo investigativo e o nível de corrupção em um país?

Eu não tenho muita experiência pessoal sobre níveis de corrupção em outros países,

por isso não tenho uma boa resposta para esta pergunta. O Miami Herald, onde trabalhei, era um dos melhores jornais investigativos do país. Um dos motivos era que havia muita corrupção em todos os níveis do governo local para nós investigarmos.

Como o senhor avalia o jornalismo investigativo relacionado ao 11 de setembro e à guerra no Iraque?

Pessoalmente, acho que poderia ter sido feito trabalho de jornalismo investigativo anterior ao 11 de setembro e à guerra do Iraque. Durante anos, a imprensa norte-americana vem cortando vergenhosamente seus investimentos em reportagens internacionais, fechando sucursais e mandando poucos correspondentes ao exterior. Como resultado, o 11 de setembro e o crescimento da Al Qaeda no Afeganistão foram uma surpresa para a maioria dos norte-americanos. Ainda mais vergonhoso, o choque causado pelo 11 de setembro fez com que muitas organizações evitassem questionar as ações do governo que levaram à guerra do Iraque. Aqueles poucos repórteres que assim o fizeram, como os da sucursal de Washington do Knight-Ridder's que escreveram a respeito das supostas armas de destruição em massa no Iraque, ou foram ignorados ou acusados de antipatrióticos. Finalmente, a imprensa está emergindo daquele torpor e está mais crítica. Porém, este atraso custou muito caro para os Estados Unidos e para o povo do Iraque.

É possível fazer jornalismo investigativo com tantas pressões econômicas ou jurídicas?

Sim, é possível fazer ou publicar boas reportagens investigativas mesmo que as empresas de mídia sofram esse tipo de pressão.

O Brasil não é computadorizado como os Estados Unidos, mas os computadores não são a única maneira de conduzir ou publicar um trabalho investigativo

Entretanto, as organizações devem querer resistir às pressões. A investigação do Watergate, realizada pelo Washington Post, é um bom exemplo de considerável resistência ao continuar o trabalho de reportagem, afinal o investigado era o então presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon. Outro bom exemplo é a publicação dos papéis do Pentágono a respeito das origens da guerra do Vietnã há alguns anos atrás.

Notas:

¹ Criado por Adam Holovaty, o site traz um mapa com os discursos Bill Clinton, os patrocinadores, cidades onde foram proferidos e o valor pago pela conferência. <http://projects.washingtonpost.com/2007/clinton-speeches/>

² Outro site desenvolvido por Holovaty mostra a criminalidade em Chicago. Sempre que uma ocorrência é registrada, automaticamente os dados são disponibilizados para o público/internauta. <http://www.chicagocrime.org/>